

O gasto estratosférico dos acidentes de trabalho

Luizinho do EISA

[Metalúrgico. Ativista Sindical]

Acidentes de trabalho não são acidentes, não são frutos do acaso nem desígnios de Deus e, muito menos, ocorrem por culpa dos trabalhadores, como sempre querem fazer crer os empregadores.

Acidentes amputam, matam, causam sequelas, estigmatizam, provocam desemprego, humilhações, desesperança, suicídios, desestruturam famílias.

Os trabalhadores e suas entidades de representação, maiores interessados, são excluídos das decisões e dos debates que visam eliminar os efeitos desta tragédia: a organização da produção, as políticas econômicas que provocam a exploração do trabalho cada vez mais intensa e a discussão sobre as políticas públicas de saúde do trabalhador que também ficam de fora.

A saúde do trabalhador é o campo da Saúde Pública que tem como objeto de estudo e intervenção as relações de produção-consumo e o processo saúde-doença dos trabalhadores.

Considera o trabalho como eixo organizador da vida social e, desse modo, determinante das condições de vida e saúde e busca transformar os processos produtivos no sentido de torná-los promotores de saúde e, não, de adoecimento e morte.

Em esforço colaborativo do MPT [Ministério Público do Trabalho] e a Secretaria da Previdência Social apurou-se que esta tragédia custou aos cofres públicos e a toda sociedade a estratosférica quantia de R\$ 67 bilhões com pagamentos a vítimas de acidentes e doenças do trabalho, no período de cinco anos, compreendido entre 2012 e 2017. A perspectiva é desoladora, visto que já considerando os gastos com os primeiros meses do ano de 2018 este montante alcançaria a astronômica quantia de R\$ 73 bilhões.

A magnitude deste valor fica mais evidente quando comparado com o PIB [Produto Interno Bruto] de dez estados brasileiros que é inferior a R\$ 73 bilhões. Reforçando essa comparação, o orçamento do estado do Rio de Janeiro para 2019 é de R\$ 65 bilhões.

Esse valor será maior se considerarmos a correção monetária, as subnotificações dos acidentes e doenças no ambiente de trabalho, omissões que ultrapassam 50% facilmente e ainda existem os custos indiretos.

A Previdência Social e, em última instância, toda a sociedade brasileira, responsáveis pelo financiamento da seguridade social, são os que vêm arcando com estas despesas que deveriam ser integralmente do empresariado. As verbas deste gasto escandaloso poderiam estar sendo utilizadas para melhorar as condições de vida de milhões de pessoas, sendo aplicadas na saúde, na educação e na construção de moradias populares, etc. Este quadro calamitoso assusta, mas as entidades da sociedade civil e os representantes dos trabalhadores terão que fazer o que para mudar esta triste realidade?

É lamentável termos que admitir que a perspectiva é de piora nas condições, pois o momento vivido é muito difícil. Os dois últimos anos, sob o governo golpista de Temer, foram anos de derrota para a classe trabalhadora. Em consequência, vieram a retirada de direitos, a reforma trabalhista e o aprofundamento da precarização das condições de trabalho, além de que já tínhamos o desemprego.

Como não há nada tão ruim que não possa piorar veio a eleição do famigerado Bolsonaro, que defendeu em sua campanha o aprofundamento das reformas (deformas) do Temer. O gasto dessas cifras astronômicas efetuadas pelo governo, em uma sociedade com carências sociais urgentes, para cobrir ato criminoso dos empresários que atentam contra a saúde dos operários, é um acinte ao bom senso.

Esses gastos poderiam ser racionalizados se os governos cobrassem as aplicações das leis e o cumprimento das políticas em defesa da saúde, conquistas de anos de lutas de um grupo de aguerridos militantes e de entidades, em prol de um ambiente de trabalho sadio...■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.